revista
Alcântara
Itaboraí
Niterói
ed_1
JOVENS
COMU
NICA
DO
RES
BemTv

editorial bemtv

Pra gente, ser **jovem comunicador** é conversar com os mais novos, com os mais velhos, fazer arte, se vestir como gosta... porque comunicar é se colocar em relação com o mundo. E se colocar em relação com o mundo é mostrar que existem muitas formas de viver, criar e existir. Nossas juventudes são múltiplas e plurais.

O projeto **Jovens Comunicadores** já teve muitas caras antes de ser o que é hoje: uma rede de comunicadores populares que dialoga com seus territórios e leva para o centro temas que fazem parte do cotidiano de quem vive neles. Enfrentamos questões de gênero e raça. Debatemos a mobilidade nos nossos territórios. Pensamos nas desigualdades que atingem de forma específica quem vem das periferias. Mas não somos só isso.

Também falamos de cultura, de ações coletivas, de beleza e de uma vida boa, plena e equilibrada junto dos nossos. Porque comunicar também é trocar referências, construir memória, imaginar futuros e reconhecer a força de quem caminha com a gente.

Foi assim que nasceram as editorias e pautas desta edição: das conversas da turma, dos encontros, da escuta e da experiência compartilhada ao longo da formação. Nossa revista reúne formas diferentes de existir, criar e contar histórias.

Na primeira edição de *2026* da **Revista Jovens Comunicadores**, celebramos as muitas caras, vozes e formas que nossos jovens têm de existir e se mostrar para o mundo.

Reunimos aqui os jovens, suas produções e os parceiros que estiveram com a gente durante esse primeiro ciclo de formação.

E vem muito mais por aí!

Afinal, até hoje, o projeto **Jovens Comunicadores** já alcançou mais de 20 mil pessoas. Somos muitos. E seguiremos construindo diálogos e novos futuros possíveis.

Veronica Silva

PAPO DE VISÃO

@0_JOTAI

POR JOTAÍ, JOVEM COMUNICADOR

Partimos de onde nada chega
Mas de onde todos partem
Berço de cultura e poder
Partimos cedo e chegamos tarde.
Onde muitas mães nem veem seu filho crescer,
Onde o dia é frio e a madrugada arde.

Pode crê, fazendo malabarismo com salário mínimo,
Respiramos na mesma necessidade que fazemos arte,
Mas com muita dificuldade.

Em um Estado que não se preocupa com nosso estado
Vital
Escala 6x1 nos mata numa intensidade semelhante
À bala perdida do policial
Problema de pobre e saúde mental
É igual à regra de 3:
Inversamente proporcional

Quanto menor minha conta bancária,
Maior o stress e ansiedade

Pensando que o trampo ia vingar,
Sem sombria nesse vendaval.
Pensando em se vingar
Com raiva estampada no olhar,
a IA tem feito o ser humano ser mais artificial

Dentro de uma arte nada ficcional
Escrevemos o que vivemos,
Conversa com os mais velhos,
Arruda na orelha,
Conceição e escrevivência:
Tecnologia ancestral

Somos profundidade em espaços rasos,
Nós somos *Hasos* e a cura de Baco
Nos sentimos minúsculos mediante às mentiras
Já que a mídia e a Academia produzem suas próprias verdades

Nós nascemos em meio a vida bruta
Onde há muita luta em nossa arte,

Viramos o mapa de ponta cabeça se preciso for,
Nosso futuro não é a morte
Muito menos essa culpa em se expressar
Vinda da violência do opressor.

Onde o amor nasce da revolta
E os sonhos florescem pós cansaço,
Nessa vida de vai e volta
A língua do afeto se traduz em múltiplos abraços.
Pois nós não morremos!
Nós viramos ancestrais!

É que estamos cansados de gritar
Mas se tentar silenciar a nossa voz
Nós falamos 5x mais alto.

Mais alto, constante!
Somos o voo de Ícaro que não falhou

Falô?

Nada nos abala
Tirando a bala que atinge o corpo preto
Que tinge essa roupa branca
De vinho tinto de sangue
Que quando chove vira lama
Vira barro, asfalto
E já se esquece essa trama

500 anos de traumas
Esquecidas,
Resumidas em poucas páginas do teu livro de História

Nós somos jovens comunicadores
Escrevendo a nossa própria,

Pique mano Ley fortalecendo a nossa vez,
Força bruta baiana pique Pivaz,
Volto a reforçar o poder da nossa voz
Para que sempre haja paz; alma de Dani

Pra que não se esqueçam dos vilões,
E que se lembrem mais de nós
Pois de SG, Itaboraí e Macaé
Aprendemos com Matheus que:
"Quanto mais interessado você é,
Mais interessante você fica"
Essa sempre levarei pros meus

De Guty, Gaze e Luísa Lopes
Somos a resistência dessas minas pretas!
Lutamos com a mesma garra
Que Pérola tem samba no pé!
Somos força, fé e muitas rimas brabas!

Queremos ouro, bronze
E ser der, a prata
Já que nosso futuro é brilhante,
Faremos nosso próprio castelo,
Sem ruínas,
E no topo do pote,
A nossa alma

Sei que dizem que a única certeza é a morte,
Mas viemos comunicar a segunda certeza dessa vida:
Que viemos pegar a nossa parte.

sumário

moda de cria	4
territórios	6
manifestos	8
saúde	10
entrevista	11
convidados	18
burburinho	14
fala jovem comunicador	15
expediente	17

moda do rio

"Estou usando os acessórios da **minha loja** *@tetebijoux1*"

— Ester Santos

"Eu sou filho de Oxaguian com Oxum. Essas são minhas **guias de proteção**"

— Hc Coelho

"Camisa do Brasil é *aesthetic*, tá **todo mundo usando** agora"

— Alvzz77

"Essa é **uma roupa que** combina comigo por que **não apaga minha cor**"

— Emanuelly Cristina

"Eu sou punk pra cacete! O rock, o funk todos esse movimento vem do afro, só que aí os mercado explora e os brancos acabam ocupando esse lugar por causa dos seus privilégios. Mas a parte criativa, o processo de tudo foram os negros."

— Martins da Rajada e Táhj

"Hoje eu tava com muita pressa e **o cabelo tava rebelde**, então eu coloquei uma faixa pra dar um estilo"

— Nicole da Silva

"**Eu faço as minhas roupas**, por que eu acho que as roupas que tem nas lojas não me representam"

— *Gutyara*

"A minha arte é muito performática, e ela tem que estar em mim. A minha fala é muito potente, mas nem todo mundo vai me ouvir, mas **quem não ouvir vai me ver**."

— *Pérola Magalhães*

"O grafismo **sou eu que faço**, aprendi observando outras pessoas fazerem."

— *Lucas Rodrigues*

"É a **primeira coisa** que as pessoas **vão ver de mim.**"

— *Letícia Araujo*

"Moda é me sentir bem, **diferente** de todo mundo'

— *Thamiris de Araujo*

"QUEM NÃO ME OUVIR, VAI ME VER!"

— *Pérola Magalhães*

"Eu tenho fascite plantar. Então eu gosto de usar sapatos mais confortáveis ...

sem perder o estilo, eu gosto de colocar **pins diferentes**"

—*Nataly Cruz*

"Moda é **como a gente sente** também"

— *Julia Sofia*

TERRITÓRIOS EM MOVIMENTO:

um guia cultural para jovens comunicadores das rodas, batalhas e redes culturais do RJ

A gente sabe que a comunicação popular se constrói nas praças, nas batalhas de rima, nos slams, nos coletivos culturais e nas redes de apoio criadas pela própria juventude periférica.

Em diferentes cidades do Rio de Janeiro, rodas culturais e espaços independentes seguem movimentando arte, debate público, formação política e circulação de informação nos territórios. São espaços que funcionam como pontos de encontro, criação e fortalecimento coletivo.

Para Jovens Comunicadores, conhecer esses circuitos é também entender onde estão sendo produzidas narrativas sobre cidade, território, violência, cultura e direito à existência.

Nesta matéria, reunimos iniciativas, coletivos e espaços culturais que ajudam a manter viva a cena cultural periférica e independente.

REDES E COLETIVOS

Terapretas

Rede de acolhimento e cuidado emocional voltada à população negra, com encontros coletivos e atendimentos gratuitos. A iniciativa atua fortalecendo a saúde mental comunitária e o acesso ao cuidado a partir de uma perspectiva racial e coletiva.

Instagram: @terapretas

Construção Nacional Hip Hop RJ

Canal de comunicação ligado ao processo de articulação do Hip Hop no estado do Rio de Janeiro. O projeto divulga ações, debates e iniciativas ligadas à cultura Hip Hop e à organização do movimento.

Instagram: @cnacionalhiphoprj

Fórum das Rodas Culturais do Rio de Janeiro

Espaço de articulação entre rodas culturais do estado. O Fórum fortalece a troca entre coletivos e atua na defesa das rodas como expressão legítima da cultura periférica.

Instagram: @forumrodasrj

Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop - Rio de Janeiro

Articulação formada por mulheres do Hip Hop que promove debates, mobilização e fortalecimento da participação feminina dentro do movimento.

Instagram: @fnmh2rj

RODAS CULTURAIS E BATALHAS: COMUNICAÇÃO FEITA NO TERRITÓRIO

As rodas culturais ocupam praças, ruas e espaços públicos com música, poesia, improviso e convivência. Em muitos territórios, elas também funcionam como espaços de circulação de informação, denúncia e mobilização juvenil.

Niterói

Roda Cultural da Cantareira
Batalha da Marina
Roda Cultural Oficial da UFF
Batalha Terminal
Roda Cultural do Engenho do Mato
Roda Cultural de Maria Paula
Roda da Raiz - Barreto
Roda Cultural de Santa Bárbara
Batalha do Largo
Slam Verso Sujo

São Gonçalo

Roda Cultural do Jockey
Batalha do Arsenal
Batalha do Altas - Arsenal
Batalha do Tanque – Ex Combatentes
Batalha da Lona Catarina
Roda Cultural do Marambaia
Batalha da Piixta - Rocha
Roda Cultural do Gradim
Roda Cultural do Alcântara
Batalha da Zé
Slam Finca-Pé
Slam Forma – UERJ FFP

Itaboraí

Batalha de Manilha
Batalha da Foice

MAPA DAS RODAS CULTURAIS DE RIMA

O projeto "Mapa das Rodas Culturais de Rima" é uma iniciativa do Instituto Ensaio Rua em parceria com o Sebrae/RJ e a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. A proposta busca mapear, fortalecer e valorizar as rodas de rima da cidade por meio de pesquisa, articulação, capacitação e produção de dados, reconhecendo as rodas culturais como importantes potências da cultura periférica e da economia criativa.

manifestos

Os manifestos abaixo foram criados pelos Jovens Comunicadores de Macaé, contando sobre suas próprias trajetórias, transformando experiências atravessadas por violências, discriminações e resistências em narrativas de denúncia, memória e afirmação coletiva.

Se há escrita, houve abertura.
se houve abertura, houve brecha
se houve brecha, houve rasgo.

Cidade. Latim 'civitate': condição ou
direitos do cidadão.

Que defende com braços e pernas
o direito de ir, vir, vetar e excluir

Tecido grosso a beça
Sobretudo gabardine moderna
Que minha faca de questionamento e revolta
Vai fazer questão de destruir.

O racismo ainda existe, mesmo que muita gente finja que não. Não é coisa do passado Acontece todo dia, em vários lugares, e machuca muita gente
Não é justo alguém ser tratado diferente por causa da cor da pele Ninguém escolhe isso Mesmo assim, tem gente que sofre preconceito, é zoado, é ignorado e até perde oportunidades por causa disso.

E o pior é que muita gente vê e não faz nada,
Fica quieto, ri junto ou finge que não é problema dela
Mas isso só faz o racismo continuar.

Minha paz foi embora junto com o sol
E o chão que eu piso tá tão descuidado
quanto meu coração

Minhas palavras são tudo que eu tenho
E o meu empenho em parecer sempre
límpida é minha prisão favorita

Eu converso comigo, me faço minha amiga
Faço perguntas, respondo afrontas
Me divirto com histórias que invento e adio
a volta à prisão que eu menos gosto

A realidade.

Macaé fala,
mas nem toda voz encontra espaço.

Há microfones ligados
e jovens silenciados

pela falta de oportunidade,
~~pela pressa da cidade,~~

pela dificuldade de transformar vivência em notícia.

Chega de chamar de frescura.
Cabeça dói mesmo sem machucado.
Ansiedade não é falta do que fazer.
Depressão não se cura com "vai passear
A gente tem direito de não estar bem.
De pedir ajuda sem virar piada.
De falar de terapia sem sussurrar.
Cuidar da mente é saúde, ponto.
Não é luxo, não é fraqueza.
É sobre continuar vivo...

Negritudiar
O chicote acabou
A porteira fechou para nós negras e negros
Ficamos cercados do lado de fora da fartura
Mas, pagamos a conta e espalhamos sorrisos
Não somos loucos, somos resistência
Prostituem a cor feminina da ancestralidade, a beleza das flores, mas apresentamos soluções
Somos inspiração, beleza e poesia e a exclusão é combustíve
para continuarmos vivos.

A nossa voz, querem silenciar
A nossa resistência, apagar
As margens da sociedade é onde querem nos encontrar,
Há tempos esse foi nosso lar.
Descruze as pernas, engole o choro, engrossa a voz, eles gritam na tentativa de nos anular,
Como Xica Manicongo, Dandara dos Santos, iremos resistir, persistir e existir.

12 CARTILHA DO AMOR DE SENZALA:
AUTORES: JOVENS COMUNICADORES MACAÉ

Ouvir o cheiro da inocência
Conversar com a razão
Apresentá-las a ciência
Reaprender mapas de tranças negras
Plantar a semente da resistência
Enganar os capitães do mato
Construir esconderijos de afetos
Proteger os Colos da mãe natureza
Preparar o mundo para nossos netos
Soltar o Black em lugar seguro
Curtir o tempo moleque da liberdade
Espalhar os frutos da irmandade
Incluir gratidão no lugar dos castigos
Ensinar e aprender a solidariedade
Descolonizar o sorriso com brincadeiras
Curtir a perfeição das crianças
Falar besteiras para reaprender a sonhar
Transformar tudo isso em vida
Resgatar a mulher atrevida em mim
Criar culturas quilombolas de festa
Libertar mentes
Contaminar o mundo com o abraço
Disseminar o vírus do conhecimento
Misturar o intelecto com manifestos
Denunciar mentes decadentes
Integrar vivência, ancestralidade e raça
Dançar jongo fora da gaiola do capital
Ser um espiral coletivo de novas utopias
Sorrir
Estourar a bolha e as correntes da cidade
Engravidar novas liberdades
Viver nossa cor
Nossa ancestralidade diante da maldade
Ter fé no futuro
Destruir o muro que oprime a diversidade

Nós, estudantes, acreditamos que a educação é uma das ferramentas mais importantes para transformar a sociedade. Porém, infelizmente, muitas escolas ainda enfrentam problemas como falta de estrutura, ausência de materiais, desvalorização dos professores e pouca atenção à saúde mental dos alunos.
A escola deveria ser um ambiente acolhedor, seguro e preparado para ensinar com qualidade. Muitos estudantes têm dificuldade para aprender não por falta de vontade, mas por não terem apoio, incentivo ou condições adequadas. Além disso, professores trabalham muito e muitas vezes não recebem o reconhecimento que merecem.
Também é importante falar sobre a pressão que os alunos enfrentam diariamente. Provas, cobranças e problemas pessoais acabam afetando o desempenho e a saúde emocional de muitos jovens. Precisamos de mais diálogo, compreensão e apoio dentro do ambiente escolar.
Por isso, defendemos uma educação mais justa, inclusiva e acessível para todos. Queremos escolas melhores, mais investimentos, valorização dos profissionais da educação e mais atenção às necessidades dos estudantes.
A educação não deve ser vista como um privilégio, mas como um direito de todos. Investir na educação é investir no futuro do país. Precisamos agir agora para construir uma sociedade mais consciente, igualitária e preparada para o amanhã.

Quando criança, eu não entendia por que meu presente era uma casa em miniatura, e o dos meus amigos era o mundo inteiro em formas diferentes.
Descobri que, antes do meu primeiro choro, já tinham escrito meu destino. Disseram que meu sexo era meu limite. Que meu gênero era minha jaula. E me entregaram um manual de como existir sem nunca me perguntar se era isso que eu queria.
Hoje eu luto. Luto pelo direito de rasgar esse manual. Luto para que meu "ser" seja definido pelo tamanho da minha coragem, não pelo tamanho do meu corpo. Para que minhas conquistas venham do meu suor, não da permissão de ninguém.

minha proteção é feminina
e os outros são a linha que me desafia

meu pai me avisou que homens como você chegariam

e me mostrou, na prática, que o problema era eu. menina.

que se tá duro, se firma
se balança, segura

que se estremece, é culpa
se balança, segura

se adormecer
acorda

se dói, se revolta
reconstroi, se situa

obedece, se junta
fecha as pernas, se curva
pede bença, circula
reverência, continência

se contenha, pede desculpa

se esconda, se envergonhe
se mandam, não responde
se estranha, se questione
se revira, deixa mexer
morre em silêncio
e sorria quando voltar
pro povo ver
o quão bonita você é.

Comunicar é mais do que informar.
É mostrar o território,
denunciar o abandono,
registrar o que tentam esconder.
Ser jovem comunicador em Macaé
é aprender a criar mesmo sem estrutura,
é disputar atenção em meio ao descaso.
Mas ainda assim, comunicamos.
Porque nossa voz não nasceu para caber no silêncio.

CUIDANDO DO COMUM

a prática da vigilância popular pelos jovens comunicadores

Na terceira parte de Vigiar e Punir (1975), intitulada “A Disciplina”, Michel Foucault analisa o desenvolvimento de técnicas de poder destinadas a produzir corpos simultaneamente úteis e dóceis, isto é, indivíduos capazes de desempenhar funções sociais de maneira eficiente e, ao mesmo tempo, submetidos às normas instituída. A vigilância aparece como instrumento de docilização dos corpos, operando de forma sutil no processo de dominação.

No Brasil, o conceito de vigilância foi profundamente ressignificado a partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que instituiu a participação social e o controle social como princípios fundamentais da gestão pública. No campo da saúde, esses princípios foram regulamentados pelas Lei nº 8.080 de 1990 e Lei nº 8.142 de 1990, que estabeleceram as bases legais do Sistema Único de Saúde (SUS), definindo seus princípios, diretrizes e competências, incluindo as ações de vigilância em saúde e os mecanismos de participação da comunidade na gestão do sistema.

Nesse sentido, a vigilância popular em saúde se articula diretamente com a Lei nº 8.142/1990, se afirmando como prática coletiva de produção de conhecimento e ação política que parte da experiência concreta das comunidades em seus territórios.

Nessa perspectiva, a comunicação popular constitui um elemento estratégico das práticas de Vigilância Popular em Saúde, na medida em que contribui para a produção compartilhada de conhecimentos sobre os condicionantes e a determinação social da saúde nos territórios. Mais do que um instrumento de transmissão de informações, ela possibilita a circulação de narrativas construídas pelos próprios sujeitos e coletivos locais, acolhendo opiniões, memórias, pertencimentos e diferentes modos de existência. Ao valorizar a voz de moradores, lideranças comunitárias e juventudes, a comunicação popular fortalece o protagonismo social, amplia a compreensão crítica sobre as condições de vida e saúde e impulsiona processos de mobilização e defesa de direitos.

A experiência da BEM TV é um exemplo concreto dessa articulação entre comunicação popular e vigilância popular em saúde. A BEMTV atua na formação de adolescentes e jovens em tecnologia da informação e comunicação visando a ampliação de oportunidades e do acesso, incidindo no encontro entre indivíduos, coletivos e territórios. Durante a pandemia de COVID-19, a organização desenvolveu ações de comunicação popular voltadas para a disseminação de informações seguras sobre saúde, utilizando listas de transmissão em aplicativos de mensagens, vídeos, cards e conteúdos produzidos por jovens comunicadores. Além de combater fake news, essa estratégia permitiu mapear dúvidas, medos e demandas das comunidades, revelando problemas relacionados ao acesso aos serviços de saúde, à insegurança alimentar e à precariedade das condições de vida.

Ao formar jovens comunicadores, a BEM TV fortalece capacidades locais para identificar situações de vulnerabilidade, registrar denúncias, produzir campanhas e dialogar com gestores públicos. Esses jovens atuam como agentes de transformação social, traduzindo temas complexos para uma linguagem acessível e conectada à realidade de seus pares e comunidades.

Paula Latgé

ELLA FERNANDES:

“É preciso ver pessoas como nós vencendo para mudar a perspectiva de um povo”

ARTISTA DE SÃO GONÇALO FALA SOBRE TRAJETÓRIA NAS ARTES, COMUNICAÇÃO PERIFÉRICA, INDEPENDÊNCIA CRIATIVA E OS DESAFIOS DE ARTISTAS DAS PERIFERIAS NA ERA DIGITAL.

Atriz, cantora e artista independente de São Gonçalo, Ella Fernandes participou de um encontro com jovens do projeto **Jovens Comunicadores**, da BemTv, onde compartilhou reflexões sobre arte, território, comunicação e os desafios de construir uma trajetória artística vindo da periferia. Na conversa, ela falou sobre sua relação com as artes desde a infância, o impacto da internet para artistas periféricos e a importância de produzir narrativas próprias a partir dos territórios populares.

Como a arte entrou na sua vida?

A arte entrou na minha vida ainda na infância. Eu comecei no balé aos dois anos de idade. Aquilo despertou em mim um contato muito forte com a arte.

Depois, com nove para dez anos, entrei em uma escola de circo aqui em São Gonçalo. Foi ali que tive contato com acrobacia, contorcionismo, dança e teatro. Também cresci muito próxima do universo das escolas de samba, do carnaval, das fantasias. Tudo isso me atravessou de uma forma muito especial.

Mas me enxergar como uma possível profissional das artes demorou. Eu nunca tinha pensado nos meus dons como algo profissional até fazer uma peça teatral na Escola Espectáculo, onde me formei. Recebi tantos elogios que pensei: “acho que realmente tenho talento para ser atriz, para cantar nos palcos”. Acho que eu tinha uns 18 ou 19 anos quando comecei a enxergar esse potencial artístico em mim.

O que significa produzir arte em São Gonçalo?

Produzir em São Gonçalo quebra muitos estigmas e barreiras. É um grande “sim” para todos os “impossíveis” que ouvi quando falava sobre meus sonhos e desejos vindo de onde venho.
O maior impacto é deixar um legado para as próximas gerações. Mostrar que é possível, sim.

Qual a importância de pessoas periféricas contarem suas próprias histórias?

Quando uma pessoa periférica conta sua própria história, ela muda o rumo de muitas outras histórias também. O exemplo, o orgulho, o legado e até a forma de abrir caminho para quem vem depois transformam a maneira como outros periféricos olham para a própria vida.
É preciso ver pessoas como nós vencendo para dar aos outros a ótica de um vencedor. Isso muda a perspectiva de um povo.

Como você enxerga a produção artística independente hoje?

A independência trouxe liberdade. Hoje temos a possibilidade de fazer do nosso jeito, de sermos quem somos e conquistarmos espaços assim.

Isso nos torna mais criativos, independentes e livres para comunicar com a nossa própria identidade. Livres para protestar, fazer críticas e contar nossas histórias. É isso que torna a comunicação e a produção artística únicas. Existem mil possibilidades de ser.

Qual foi o impacto da internet para artistas periféricos?

A internet ampliou as vozes periféricas. Eu vi essa transformação acontecer. Vi movimentos nascerem na internet, ganharem força, criarem novas narrativas e novos representantes.
Hoje somos muitos, de diferentes nichos, contando histórias diferentes, mas muitas vezes fazendo parte do mesmo movimento.

Quais desafios ainda existem para artistas e criadores periféricos?

Muitos artistas periféricos ainda usam as tecnologias de forma autodidata. Crescem sem estratégia, sem estudar comunicação, marketing ou finanças. Às vezes viralizam rapidamente, atraem marcas e publicidade, mas não sabem precificar ou construir branding. É muito difícil crescer dessa forma. Acho que artistas e criadores periféricos precisam de mais acesso à capacitação em marketing, comunicação e finanças para conseguirem expandir suas vozes e solidificar suas carreiras.

Que conselho você daria para jovens artistas das periferias?

Primeiro: acreditem fielmente nos seus sonhos e façam planos para eles. Depois, estudem. Existem muitos espaços gratuitos de formação e investir em si mesmo é o maior passo para fazer os próprios planos acontecerem.

“A independência trouxe **liberdade**.”

Para ficar de olho!

@bem.tv
@ellafernandesoficial

A SEGUIR:

A Inteligência Artificial promete revolucionar o mundo. Mas, para muitos jovens, a grande questão é outra: ela abrirá novas portas ou começará a fechá-las? Com ***Arthur William Santos.***

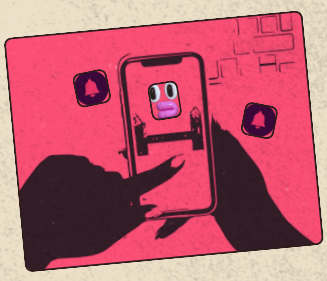
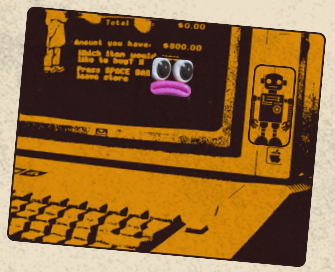
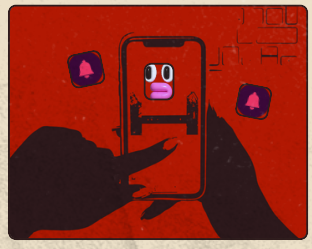
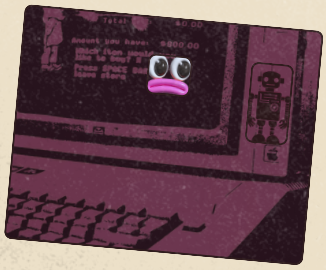
convidados falam, a gente escuta!

OI???!

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL SUBSTITUINDO JOVENS?

SERÁ?

ed 1

cena 1

Um jovem abre o celular e, em poucos minutos, recebe diversos vídeos criados por Inteligência Artificial, inclusive influenciadores sintéticos, personagens realísticos criados por IA.

cena 2

Uma empresa reduz vagas de estágio porque agentes de IA passaram a escrever relatórios, responder clientes, gerar códigos e produzir peças de comunicação. O trabalho que servia como porta de entrada passa a ser executado por sistemas algorítmicos.

O primeiro impacto aparece na circulação de informações. As big techs atuam como novas mediadoras da vida social. Seus algoritmos decidem o que aparece ou desaparece da tela de cada pessoa. O objetivo não é informar, mas manter o usuário conectado dentro de jardins murados. Como consequência, jovens são expostos a bolhas ideológicas e desinformação em escala industrial.

É neste ambiente que surgem personagens como a Dona Maria, no Instagram, influenciadores sintéticos criados com IA capazes de afetar a opinião de milhões de pessoas. A fronteira entre pessoa real, ersonagem, propaganda e operação política torna-se nebulosa. Se antes a disputa era pelo controle dos grandes meios, agora passa pelos sistemas de recomendação.

E o trabalho?

A automação atinge os jovens porque ameaça os cargos juniores. Textos, planilhas, códigos simples e tarefas administrativas eram etapas de aprendizagem profissional. om agentes de IA, o mercado tende a eliminar parte destas portas de entrada. O resultado pode ser um desemprego estrutural juvenil: não apenas falta de vaga, mas substituição da formação dentro das empresas.

Este cenário afeta a escolha da graduação. Como decidir o curso superior quando as profissões estão em transformação? O operador de drone é um exemplo emblemático. A ocupação nasceu como promessa de futuro, mas já surgiu acompanhada da perspectiva de automação por sistemas informatizados e rotas autônomas.

Contudo, a IA não impacta todos igualmente. Como os modelos são treinados com dados do passado, carregam visões de mundo marcadas por desigualdades. Quando alguém pede a uma IA para gerar a imagem de um “CEO de startup”, dificilmente o resultado será uma mulher negra, indígena ou jovem de periferia. Este é o racismo algorítmico: a atualização tecnológica de preconceitos históricos.

Regulação para quê?

Com o uso da IA, é urgente proteger direitos, garantir transparência, responsabilizar empresas e impedir discriminações. O PL 2338/2023, ainda no Congresso, é parte deste esforço. Regular não significa impedir a inovação. Significa impedir que a juventude seja tratada apenas como usuária, dado ou mão de obra descartável.
Estamos apenas no início da caminhada. A IA pode ampliar oportunidades. Mas, sem governança democrática, tende a aprofundar desigualdades antigas com ferramentas novas. O futuro da juventude deve ser construído com educação crítica, soberania tecnológica e garantia de direitos humanos.

PORQUE INFORMAÇÃO É UM DIREITO QUE GARANTE OUTROS DIREITOS.

ourovinho

AS LISTAS DE TRANSMISSÃO SÃO O PRINCIPAL CANAL DE COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO DOS JOVENS COMUNICADORES COM SUAS COMUNIDADES. AQUI VOCÊ VÊ UM POUCO DO QUE ELES ESTÃO FALANDO POR LÁ

FATO OU FAKE: VACINA DE INFLUENZA AFETA PESSOAS COM MASTECTOMIA?

Será que você está se vacinando corretamente?

A desinformação sobre o local de aplicação da vacina pode colocar pacientes em risco após cirurgia de mama.

Tomar uma vacina parece algo simples, mas para algumas pessoas, cuidados específicos são fundamentais. Mulheres que passaram por mastectomia (retirada da mama) com remoção de gânglios linfáticos podem precisar de atenção especial ao local da aplicação para reduzir riscos como o linfedema, um inchaço causado pelo acúmulo de líquido linfático.

Segundo a organização *Breast Cancer Now* , não há evidência forte de que vacinas no braço "de risco" causam linfedema, mas muitos pacientes preferem evitar esse lado por precaução. Em casos de retirada de gânglios dos dois lados, a aplicação pode ser feita na coxa ou no abdômen, dependendo do tipo de vacina e da orientação profissional.

Com o avanço das campanhas de vacinação nos postos de saúde, a informação correta também é cuidadosa. Pessoas que passaram por cirurgia de mama ou retirada de gânglios linfáticos devem informar sua condição ao profissional de saúde antes da aplicação e, em caso de dúvidas, buscar orientação médica individualizada.

Vacinar-se continua sendo uma das formas mais importantes de proteção contra doenças como a gripe, mas garantir que esse processo aconteça da forma mais segura para cada pessoa faz toda a diferença.

Procure uma unidade de saúde mais próxima, informe seu histórico cirúrgico e busque orientação adequada. Informação salva, previne e protege.

Fonte https://breastcancernow.org/ - Plataforma do Reino Unido criada para oferecer serviços de apoio, conscientização e financiamento de estudos científicos sobre o câncer.

42% da audiência dos jovens comunicadores declararam ter medo de reações prejudiciais das vacinas

Produção de conteúdo da vacina & mastectomia: Karolayne Rodrigues, Nátaly Cruz, Amanda Miguel, Alicia Marins, Giovanna Gaze, Peróla Magalhães, Junior, Lavynia, Emanuelly Cristina, Amanda Couto, Mabi, Daniel.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: VOCÊ CONHECE AS LEIS!

✳*Lei do Sinal Vermelho (Lei nº 14.188/2021)*

Um "✕" vermelho na palma da mão ou o gesto de abrir a mão e fechar os dedos sobre o polegar pode ser um pedido de socorro. Estabelecimentos podem ajudar a acionar a polícia.

✳ Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006)

Protege contra violências física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.

✳ Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015)

Tirar a vida de uma mulher por razão de gênero é crime hediondo.

✳ Lei Carolina Dieckmann (Lei nº 12.737/2012)

Invasão de celular ou computador e vazamento de dados é crime.

✳ Lei da Importunação Sexual (Lei nº 13.718/2018)

Atos sem consentimento são crime.

✳ Lei do Stalking (Lei nº 14.132/2021)

Perseguir, ameaçar ou vigiar alguém é crime.

✳ Lei do Minuto Seguinte (Lei nº 12.845/2013)

Garante atendimento imediato e gratuito às vítimas de violência sexual no SUS, com acolhimento, exames e orientações.

📱Ligue 180 - Central de Atendimento à Mulher.

81% da audiência dos jovens Comunicadores sentem medo ao andar na rua, 28% deles declararam que esse medo tem relação com o seu gênero

ASSISTA TAMBÉM O VÍDEO NEM TODO ABUSO DEIXA MARCAS NO CORPO

ONDE ESTÃO AS MULHERES NA POLÍTICA?

Dados importantes para refletirmos, especialmente em um ano em que os casos de feminicídio têm crescido. Mulheres e homens devem se questionar: qual representatividade feminina temos nos espaços de poder e decisão?

Segundo dados de 2024 do TSE, as mulheres representam 51% da população brasileira, mas ocupam apenas 18% das cadeiras no Senado e na Câmara.

Por que isso importa?
Quando as mulheres não estão na política, temas como nossa saúde reprodutiva, o combate à violência de gênero e a igualdade salarial acabam ficando em segundo plano.

Lugar de mulher é onde se decide o futuro de todas as mulheres.
Representatividade salva vidas! <3

Produção de conteúdo das mulheres na política: Giovanna Gaze, Gutyara Klinsman, Ingrid Vitoria Amaral, João Igor, Henrique Mello, Daniel Lucas Gadelha, Suellen Gonçalves

FALA, JOVEM COMUNICADOR

VEM LETÍCIA RODRIGUES...

"Foi muito específica a minha chegada nos Jovens Comunicadores, porque eu fiz parte da primeira edição, em 2020, no meio da pandemia. Eu tinha acabado de entrar na universidade. Saí do ensino médio, entrei na UFF e vivi só um período presencial antes de tudo virar remoto por causa da Covid-19. No meio daquele caos, esbarrei com o Instagram da Bem TV.

Minha primeira monitora foi a Arlete. Conheci o trabalho dela com redução de danos e achei porreta. Aproveitei tudo o que produzi nos Jovens Comunicadores para montar um portfólio. Foi quando comecei a pensar: "vamos fazer LinkedIn, vamos criar página no InfoJovem, vamos fazer tudo".

Aí consegui trabalhar com designer gráfico. Comecei divulgando coisas do meu pai, que trabalha com carro, depois fiz artes para minha tia, que é boleira. As primeiras artes que coloquei no Behance foram justamente de um topo de bolo dela. Aos poucos, fui percebendo aquilo como algo possível, concreto. Pensei que talvez desse para fazer uns freelas no bairro, com pessoas próximas. Mesmo ganhando cinquenta reais, naquela época já parecia muita coisa.

Logo depois participei da Agência Narrativas de Gênero. Foi quando comecei a construir uma relação mais próxima com a Bem TV, porque os Jovens Comunicadores da pandemia tinham sido totalmente online. Eu já vinha de outros espaços de militância e formação. No ensino médio, fiz parte do Transparente, coletivo de teatro LGBT. Então já existia em mim uma linha ativista muito forte, além da escolha pelas Ciências Sociais.

Eu ainda não me via como comunicadora popular. Achava que comunicação popular era algo muito ligado ao jornalismo, e eu nunca me enxerguei nesse lugar. Mas fui entendendo isso aos poucos, principalmente porque comecei a querer estar na Bem TV para além das formações. Tinha evento? Eu queria participar. Tinha debate? Eu queria ouvir, discutir, me engajar.

Naquele mesmo período comecei a ir para atos de rua, ainda de máscara. E foi também quando vivi uma quebra de expectativa com certos espaços da política institucional. Vi pessoas boas tentando fazer mudanças e se desgastando muito. Foi aí que entendi que a comunicação popular me conectava com o trabalho de base.

Comecei a perceber a importância de voltar para o meu território. Eu passo a maior parte do tempo em Niterói: estudo aqui, trabalho aqui, fiz pré-vestibular aqui. Mas voltar para São Gonçalo e encontrar uma cidade dormitório, voltar tarde para casa, quase não encontrar minha família, tudo isso me atravessava. Foi quando comecei a entender a comunicação como ferramenta de mobilização e incidência política.

Na adolescência eu tinha muita fúria diante das desigualdades. Depois fui entendendo que essa disputa também passa por coisas simples: como conversar com meu vizinho? Como construir debate no meu bairro? Como organizar articulação onde o Estado quase não chega? Onde cada um fica isolado dentro de casa enquanto um vereador coloca faixa na rua e a luz da esquina continua quebrada. Tive muitas experiências marcantes na Bem TV. Viajei de avião pela primeira vez, fui para outro estado encontrar outros comunicadores, mas a Agência Narrativas de Gênero foi especialmente importante para mim.

“Quando penso no futuro, vejo muitos **medos**, mas também muita **teimosia**.”

Foi nesse período que fiz uma campanha para a FAMATH com a pergunta: “Ei, você psicólogo! Será que uma pessoa LGBT se consultaria com você?”. Depois descobri que aquilo teve uma repercussão muito forte dentro da instituição.

Também me marcou muito a relação com a Giulia, psicóloga. Primeiro como aluna, depois como monitora ao lado dela. Em outro momento, na Agência ChildFund, fomos a uma escola municipal conversar sobre infância e juventude. Aquilo me deu noção do que é estar em sala de aula. Hoje eu sou professora, então essa experiência teve muito peso na minha trajetória.

Na Agência Mídias Positivas, o grande impacto foi o Miguel. A gente pegava o mesmo ônibus para voltar para casa à noite. Sempre me despedia dele antes de descer. Na sexta-feira antes do acidente, fiz exatamente isso. Depois da morte dele, aquilo nunca saiu da minha cabeça. São experiências muito pessoais, mas também compartilhadas por muitos jovens periféricos que enfrentam transporte caro, jornadas longas e insegurança todos os dias.

Quando entrei em Ciências Sociais, já sabia que queria voltar para as artes de alguma forma. Fiz prova para Artes Cênicas na Unirio, passei no teste de habilidades específicas, mas não consegui vaga por causa da nota de corte. Mesmo assim, continuei procurando caminhos.

Foi nesse processo que reencontrei uma professora de Sociologia do ensino médio, que já trabalhava cinema e educação com a gente. Também participei de cursos do SESC Niterói e realizei um curta chamado Minorias e Pandemias, gravado durante a pandemia.

Ao mesmo tempo, fui percebendo que queria voltar para a escola pública do meu bairro. Quando reencontrei meus antigos professores, vi muitos adoecidos, exaustos. E ouvir deles que era importante ter ex-alunos voltando para a escola mexeu muito comigo.

Na Bem TV, esses caminhos também foram se abrindo de forma inesperada. Em um período em que eu não tinha dinheiro nem para passagem, conversei com a Marissol sobre minhas dificuldades. Depois disso, ela me chamou para colaborar em uma aula de Arte e Política para estudantes de Psicologia na UFF. Mais tarde, participei de transmissões acadêmicas, fui citada nos agradecimentos de um TCC e percebi que aquilo tudo já fazia parte da minha trajetória profissional e política.

Quando penso no futuro, vejo muitos medos, mas também muita teimosia. Acho que o grande desafio da vida adulta é não endurecer. Não deixar que o trabalho precarizado, o cansaço e as dificuldades apaguem o brilho no olho.

Tenho medo das contas, da rotina, da instabilidade, de não conseguir ajudar minha família, conquistar independência ou transformar as coisas ao meu redor. Mas também tenho uma insistência muito grande em continuar construindo os caminhos em que acredito.

Uma coisa que aprendi nesse percurso é que a transformação social não acontece de uma vez. Revolução não é um evento isolado. Ela vai acontecendo nas pequenas ações, nos vínculos, nas insistências diárias.

Se eu pudesse deixar algo para os jovens comunicadores, seria isso: sejam teimosos. Não deixem o brilho acabar. Cultivem esperança, mesmo nos momentos difíceis. Porque continuar sonhando, construindo e voltando para o território também é uma forma de luta.”

ed_1

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO: VERONICA SILVA
EDIÇÃO E REVISÃO: VERONICA SILVA
IDENTIDADE VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: YSIS POLICARPO
COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO: CAROLINA RODRIGUEZ
FOTOGRAFIA: YGOR SANTOS

EQUIPE JOVENS COMUNICADORES

ANA LUCIA NUNES **ASSESSORA ADMINISTRATIVA**
CAROLINA RODRIGUEZ **COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO**
DANIELA ARAUJO **COORDENADORA EXECUTIVA**
DOUGLAS CAMPOS **ASSISTENTE SOCIAL**
GIULIA MANGELI **PSICÓLOGA**
MATHEUS MAGALHÃES **GESTOR DE PROJETO**
THAÍS AMARAL **PRODUTORA**
VERONICA SILVA **GESTORA DE REDES**
YGOR DOS SANTOS **PRODUTOR DE CONTEÚDO**
YSIS POLICARPO **DESIGNER**
DANIEL CHAGAS, JEFTERDEIVISSON ALMEIDA,
_WESLEY NASCIMENTO, ODENILSON ARGOLO **MONITORES**

BEM TV
E-MAIL BEMTV@BEMTV.ORG.BR
INSTAGRAM: @BEM.TV
YOUTUBE: @CANALBEMTV
FACEBOOK: FB.COM/BEMTV.OFICIAL
LINKEDIN: BEMTV-EDUCACAO-E-COMUNICACAO

realização: BemTv
parceria: CAAIDS, PLURIVERSO, Secretaria de Cultura e Economia Criativa
patrocínio: GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO, BR PETROBRAS, GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO